



Na década de 1930, Goiás estava em penúltimo lugar no índice de desenvolvimento dos Estados brasileiros. Isolado do restante do país, sujeito a práticas políticas quase feudais, a partir da construção de Goiânia, o Estado iniciou um longo caminho de desenvolvimento que hoje o insere no primeiro grupo dos Estados brasileiros.

Pode-se especular acerca do papel que a transferência da capital teve na mudança deste cenário: Goiânia foi encomendada como uma cidade que negaria as tradições da região, desde o traçado até a localização, incluindo a arquitetura. O arquiteto que recebeu a encomenda soube executá-la, e o homem responsável por desenhá-la foi o então interventor, Pedro Ludovico Teixeira.

Além de interventor nomeado pela Revolução de 1930, Pedro Ludovico Teixeira foi governador e senador, até ser cassado em 1969. Ao todo, esteve quase 40 anos na linha de frente da política de Goiás.

Pedro Ludovico morreu em Goiânia em 1979, aos 88 anos. Um ano antes, em 1978, concedeu aquela que seria sua última entrevista, aos jornalistas José Luiz Bittencourt Filho e Herbert de Moraes Ribeiro. A entrevista foi publicada no Jornal Opção e pelo seu conteúdo vale ser lembrada.

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

A notícia que corre pela cidade é que o senhor anda meio adoentado. É verdade?

É, é verdade. Eu andei muito adoentado. E isso começou com a doença da Gercina [Borges Teixeira] e piorou muito com a sua morte. Tudo contribuiu para a minha doença. Depois fiquei bem e só tive uma gripe.

O senhor foi casado com dona Gercina durante quanto tempo?

Nós fomos casados durante 58 anos.

Dizem que ela exerceu grande influência em sua vida pública.

Realmente. Ela teve uma influência enorme. Ela era uma mulher rara. Leal, sobre todos os princípios. Era franca, mesmo tendo que desagradar as pessoas. Era uma mulher caridosa como poucas... Uma mulher que não gostava de ver ninguém injustiçado.

D. Gercina chegou a participar em atos do seu governo?

No meu governo, na administração em si, ela tomou parte raras vezes. A sua maior participação foi na minha vida política, quando eu ainda não era nada. Quando eu combatia a situação que dominava Goiás.

Quando e como?

Isso se passou em Rio Verde, em 1924. Nesse ano eu lancei um jornal — *O Social* — e comecei a combater a situação dominante.

Que situação dominante era essa?

O caiadismo. O caiadismo que dominava Goiás com balaço e cutelo. Todo o Estado tinha medo nessa época.

E o senhor não tinha medo?

Quem não tinha medo não era só eu. Era Rio Verde, Goiás Velho e Inhumas. Só estas três cidades combatiam o caiadismo.

E o combatiam por quê?

Combatiam, obviamente, porque não estavam de acordo com os Caiados. Basta lembrar que as eleições, naquela época, eram uma farsa. As pessoas iam votar com o voto dentro do envelope e não sabiam em quem estavam votando. Era, realmente, um voto absolutamente secreto. Secreto mesmo... (sorri). E por muitos outros motivos que eu não gostaria de dizer. Não me agrada e não me convém falar sobre coisas passadas, que denigrem uma situação.

Esse seu comportamento de luta, de reação, ele tinha alguma base ideológica ou era apenas um movimento local? Um movimento, enfim, reflexo de uma situação política nacional ou era apenas uma briga entre famílias?

Era nacional. O Brasil todo era como Goiás. O Brasil inteiro era mantido por absurdos.

O senhor estava com quantos anos, quando começou essa luta?

Nessa época eu estava com 29 anos. Já era médico, casado e morava em Rio Verde.

O senhor recebeu alguma influência de fora do Estado? Através de que meios? De livros? De doutrinação pessoal? Ou o senhor simplesmente, de repente, resolveu ser da oposição?

É lógico que houve uma certa influência, pois já havia em Goiás uma oposição mais ou menos organizada aos Caiados. A oposição já se alastrava, inclusive no interior da própria família, através de Jarbas Caiado, juiz de Direito da velha capital.

Caiado contra Caiado? Por quê?

Talvez também por acharem que aquela política, a política da época, estava errada.

A oposição contra os Caiados, ou contra o que eles representavam, começou então com o senhor em Rio Verde?

É, realmente a oposição começou em Rio Verde, onde eu tinha muitos amigos.

Por exemplo.

Por exemplo, Ricardo Campos, o coronel Antônio Martins Borges, meu sogro, que era pessoa muito conceituada e de muito valor em Rio Verde. Um fio de barba dele valia a palavra, o compromisso. Ele era um homem muito querido e muito respeitado.

E no início de seu movimento, o senhor recebeu algum apoio da população de Rio Verde?

No começo o pessoal ficou um pouco tímido, mas depois ninguém mais teve medo.

E enquanto o senhor dirigiu *O Social*, houve alguma intimação, alguma hostilidade, alguma censura do governo?

Não. O jornal nunca sofreu qualquer intimação ou violência. Mas a imprensa da situação nos atacava constantemente.

E onde *O Social* era impresso? Qual era a sua circulação?

Ele era impresso lá em Rio Verde mesmo. Começamos com 3 e fomos até 4 mil exemplares.

O jornal era vendido? Quem pagava a impressão?

O jornal era quase que distribuído de graça. Eu mesmo, no entanto, é que o financiava, com o dinheiro do meu bolso, embora alguns amigos também me ajudassem. Eu era médico na cidade, ganhava um pouco de dinheiro, o meu sogro me ajudava... E assim foi.

E nessa fase de sua vida, qual foi a participação de d. Gercina?

Gercina dava conselhos, ajudava nos assuntos que deviam ser publicados. Ela participava de tudo.

E nos momentos mais difíceis. Ela intervinha? Ela apaziguava?

Ela nunca foi candidata ao apaziguamento. Ela foi candidata da Justiça, da Verdade. Nestes casos ela sempre esteve do meu lado e foi uma grande esposa. Apaziguadora ela nunca foi. Gercina era muito forte e muito corajosa.

Ela era de Rio Verde?

Sim.

E quanto tempo O Social circulou? Foi através dele que o senhor se projetou politicamente?

É lógico que o jornal me projetou, também. Ele ajudou o povo de Rio Verde a ficar do meu lado, durante os quatro ou cinco anos em que circulou. Depois eu fui nomeado interventor federal e com a minha ausência ele desapareceu.

Houve momento em que a sua oposição política se transformou em reação armada. Houve momento em que o senhor se armou e marchou sobre Rio Verde, houve momentos em sua vida em que o senhor foi preso. Como é que foi tudo isso?

Eu fui preso três vezes. Quando veio a Revolução de 30, eu estava conspirando com o presidente Antônio Carlos, de Minas Gerais. Conspirei com o capitão Siqueira Campos e com outros componentes da Coluna Prestes. Naquela época, Prestes não era comunista.

De seu ponto-de-vista, o que foi, afinal, a Revolução de 30? Qual foi a ideologia dessa conspiração?

A base ideológica da Revolução de 30 está, é lógico, vinculada à situação vigente no Brasil daquela época. E que era muito ruim, principalmente no aspecto político. As eleições, como já disse, eram uma farsa. Você nunca

podia votar no candidato de sua verdadeira preferência. Começava por aí.

O movimento do Forte de Copacabana, em 1922, teria sido o primeiro sintoma da revolta que acabaria culminando com a Revolução de 1930? Como o senhor chegou a tomar conhecimento desse fato aqui em Goiás?

Eu fiquei sabendo quando o fato estourou nos jornais. Uma vez, conversando a respeito com um alemão, ele me disse: “Vocês, aqui no Brasil, não dão o devido valor àquela epopeia”. Eu concordei. De fato, aquele foi um acontecimento formidável. Quando os rapazes saíram do forte, eles sabiam que iam morrer, mas mesmo assim enfrentaram a situação. A Revolução de 30 começava ali.

O senhor concorda, então, que os acontecimentos de 1922 já representavam o início da insatisfação que começava a se manifestar no setor médio da população brasileira contra o domínio das oligarquias?

Não resta dúvida. As oligarquias predominavam em todos os Estados do Brasil. Através delas, predominavam a violência, o arbítrio, o paternalismo, o autoritarismo. Ninguém podia ir contra aquela situação. Assim, 1922 foi o início da revolta.

Comandada pelos militares?

É, só que, naquela época, a participação militar na vida política do país era bem menos acentuada. Hoje é ao contrário, eles comandam o processo.

Como era Goiás em 1930?

Muito atrasado. Na mesma situação de Mato Grosso e Piauí. Ele só começou a melhorar, a progredir, a se elevar, depois que mudei a capital.

Quando o senhor assumiu o poder, havia, logicamente, uma situação política secular a ser transformada: hábitos, costumes, e até pessoas. Quais foram as principais medidas políticas nessa fase inicial?

Nessa fase, aqueles que quiseram aderir eu aceitei e recebi de muito bom agrado.

Quantos? Quanto por cento?

Deve ter sido uns 90 por cento da situação (sorri). Eu não perseguia os inimigos. Eles mereciam a minha consideração, a não ser quando praticavam um desacato, crimes ou outras coisas assim.

As histórias de perseguições, espancamentos, são histórias, então?

São histórias.

Antes e depois, como foi o contato do senhor com o senador Totó Caiado?

Eu tive dois contatos com o senador Antônio Ramos Caiado. Isso foi antes de 1930. Eu estava no Rio de Janeiro. Ele me disse: “Fiquei sabendo que o senhor está me combatendo.” Eu respondi: “Não. Eu estou combatendo a sua política”. Ele retrucou: “Cuidado, menino! Não mexa com a onça, não.”

E com Getúlio Vargas?

Meu relacionamento com ele sempre foi muito bom. Havia uma afinidade. Ele era um homem muito bom e muito humano. Entre nós havia uma afinidade muito grande para compreender a humanidade.

O senhor já contou como foi o seu primeiro encontro com o senador Antônio Ramos Caiado. Falta contar como foi o segundo.

Esse foi logo depois que ele já havia caído. Eu estava na velha Goiás e o secretário da Segurança Pública não queria ouvir o senador Caiado, que estava preso, sem que eu estivesse presente. Não era meu desejo ir vê-lo. Mas, mesmo assim, eu fui.

Frente a frente? Vencido e derrotado?

É, foi um diálogo difícil. Até um pouco áspero. O secretário de Segurança na época era Domingos Velasco, que depois foi deputado e senador. Um homem muito inteligente e que mais tarde virou-se contra mim.

O senhor se recorda do que foi dito durante esse encontro?

O secretário de Segurança perguntou ao senador Antônio Caiado se ele tinha consciência do que havia feito antes, indagou de fatos ocorridos durante o período em que ele havia mandado e desmandado no Estado.

Foi o senhor que deu a ordem de prisão contra o senador? Foi ordem direta do senhor?

Não, não. O senador Antônio Ramos Caiado e integrantes de sua família foram presos por ordem do Estado-Maior da Revolução, com sede no Rio de Janeiro.

Essas prisões obedeciam a um esquema de caráter nacional ou atendiam apenas aos interesses locais? Ou seja, mais objetivamente: aos seus interesses?

Elas tinham caráter nacional.

Quanto tempo Caiado ficou preso?

Pouco tempo, no Rio de Janeiro. Aqui, ele ficou apenas oito dias.

Como o senhor define a figura do senador Antônio Ramos Caiado? Qual foi a impressão que ele lhe deixou?

O senador Caiado era de fato um líder. Tinha qualidades essenciais para isso. Ele era um homem bonito (sorri) e isso influi. Ele era bonito e enérgico.

Em algumas fotos antigas do senhor, percebe-se também um homem dotado de uma certa beleza. O senhor se considera um homem bonito?

Não. Eu não me considero um homem bonito.

Mas se a beleza, como o senhor diz, é fundamental, como é que...

Eu disse que a beleza influi. Ela é apenas uma das causas ou um dos ingredientes da liderança.

E essa beleza do senhor, que ajudava a liderar, ela influenciava da mesma forma homens e mulheres?

A beleza influencia todo mundo. Antônio Ramos Caiado era enérgico, mas a maior qualidade para chegar a líder é ser justo, honesto, humano e decente. Se o senador era bonito, isso lhe dava mais presença.

Totó Caiado era inteligente?

Não. A sua inteligência era medíocre.

Pelo que o senhor diz, o senador era enérgico e autoritário. Ora, esses eram, naquela época, os elementos essenciais ao controle do poder. Em outro sistema, em outra época, o senhor acha que Totó Caiado teria condições de liderar?

Não. Não acredito. Ele tinha a mão forte um pouco exagerada. Naquela época, o Brasil era todo assim. Os chefes políticos ganhavam as coisas no grito.

O senhor tem alguma prova concreta desse autoritarismo do senador Caiado?

Tenho muitas. Basta o senhor ler *A Voz do Povo*. Acho que não vale a pena repetir.

Algum dia o senhor chegou a temer a possibilidade de os Caiado retornarem ao poder, através, por exemplo, de um outro movimento armado? De uma contrarrevolução liderada por ele?

Não. Eu esqueci completamente Totó Caiado quando assumi o poder. Não me preocupei mais com ele. Mesmo porque, se o senador era corajoso, eu era ainda mais corajoso que ele. E isso é uma coisa que eu digo sempre. Eu nunca tive medo de ninguém.

Há uma história que diz que quando o senhor foi chegando a Rio Verde deram alguns tiros de metralhadora.

Não é verdade.

Mas o senhor chegou a participar de algum tiroteio?

Eu participei de três tiroteios, mandando e recebendo bala. O primeiro foi seis quilômetros depois de atravessar o Rio Paranaíba, vindo de Minas Gerais. Mas logo em seguida eu

consegui a adesão desse pessoal que estava contra mim, inclusive de alguns rapazes da região que eram conhecidos como violentos. Eu os trouxe para o meu carro, com medo de que sofressem represálias dos meus correligionários.

E o segundo?

O segundo se deu quando nós estávamos atravessando uma ponte, perto de Quirinópolis. Enfrentamos uns 20 soldados da polícia comandados por um sargento. Aí foi um combate mesmo. Eu estava com 110 homens (faz uma pausa, recordando-se). Em toda a Revolução eu perdi apenas um homem. Eu tive três combates. A minha revolução durou pouco (sorri).

E por que durou pouco? Não houve reação?

A minha revolução durou pouco porque não tínhamos munição nem equipamento bélico. A reação, contudo, era grande. Após vencermos os 20 soldados, perto de Quirinópolis, continuamos em frente, de caminhão. Fomos para Rio Verde. Lá, sim, a coisa ficou dura. Havia cerca de 200 homens armados. Quando chegamos em Rio Verde, muitos dos que me acompanhavam já haviam desistido da luta no caminho. Mesmo assim chegamos lá com 70 homens, a maioria não estava acostumada à luta.

Dizem também que o senhor chegou lá doente.

Exatamente. Era mês de outubro e estava dando a tal de disenteria. Todo o meu pessoal estava doente, inclusive eu. De qualquer forma, derrotamos a polícia em Quirinópolis. Em Rio Verde tivemos de recuar, pois o número deles era bem maior.

E quem comandou a resistência em Rio Verde?

Havia um major e tenentes da polícia na cidade. E eu tinha apenas duas ou três pessoas com experiência de luta.

Como foi que o senhor conseguiu reunir elementos para a sua coluna, para a Coluna Pedrista?

Havia mais baianos do que goianos na minha coluna. Foi uma coincidência. Eu saí de Minas e reuni alguns amigos já acostumados à luta, em Mato Grosso. Este pessoal aderiu logo ao meu movimento. Havia muita disposição de luta. Fui então até Uberlândia, onde 20 rapazes se ofereceram para me acompanhar. Eram rapazes de gravata, janotas, idealistas, mas nenhum deles se saiu mal. Nenhum fugiu da luta.

E o senhor, houve algum momento em que chegou a sentir medo?

Absolutamente. E eu não digo isso para parecer valente. Mas eu nunca senti medo. Houve um momento em que fomos obrigados a fugir, pois não tínhamos mais equipamentos para lutar. Fomos obrigados a rastejar, com as balas passando zunindo em cima de nossas cabeças. Isso foi em Rio Verde. Nesse momento, eu só queria me esconder. Fui para um matagal. Nesse instante, cada um procurou seu rumo. Muitos foram para Uberlândia. Eu já não podia juntar-me a eles, pois se sáísse de onde estava poderia ser atingido pelas próprias balas de meus companheiros. Eu estava entre dois fogos. A luta havia começado às cinco horas da manhã. Quando me refugiei no mato, a minha fadiga era muito grande. O cansaço foi tanto que dormi seis horas, ali mesmo, no meio do tiroteio. E responder aos tiros como, se nem balas eu tinha mais? Acordei com a polícia me prendendo. Fui tratado até muito bem. Preso, fui para a cadeia.

Qual foi a participação de César Bastos em sua prisão?

César Bastos participou apenas quando me transferiram para Goiás. Foram ele e o Zaqueu Crispim.

Dizem que quando o senhor estava sendo levado para Goiás, já corria por aqui a notícia de que a Revolução tinha sido vitoriosa e que o senhor, então, de prisioneiro passou à condição de comandante da escolta que o levava. É verdade?

Isso não é verdade. Eu não queria falar sobre esse assunto, mas o que houve realmente foi que, quando estavam me levando preso houve uma ordem para que me matassem no meio do caminho. Ninguém sabe até hoje quem foi que deu essa ordem.

O senhor desconfia de alguém?

Eu sei quem foi, mas não posso dizer.

Não pode dizer por quê? Isso já pertence à História.

Eu não tenho certeza absoluta dos nomes. Quando a gente estava próximo da fazenda do César Bastos eu aconselhei que passássemos a noite ali. Estávamos todos cansados e não adiantava nada andar no escuro. Antes de chegarmos à fazenda, porém, quatro desconhecidos chegaram armados de carabina Winchester. E isso era coisa estranha, pois naquele tempo a arma mais usada era o fuzil Mauser. Eles trouxeram uma carta e entregaram ao César Bastos. Ele leu a carta e chamou o Zaqueu Crispim, seu amigo. Os dois entraram no mato e ficaram lá muito tempo, conversando. Depois o César voltou sozinho e me disse: “Você quer voltar para Rio Verde?” Eu respondi: “Se você me der um carro e dois fuzis, para mim e para o Ricardo Campos, eu posso ir.” Enquanto a gente conversava chegou o Zaqueu e disse que não concordava com aquilo.

E o senhor percebeu toda aquela movimentação?

Percebi e desconfiei de que ali alguma coisa estava errada. O Zaqueu reafirmou que tinha de me levar a Goiás e era para lá que eu seria levado. Depois de muita conversa, acabamos pousando mesmo na fazenda do César Bastos. Fui colocado num quarto com um guarda armado de fuzil. O Ricardo Campos chegou até a mim e disse que eu não abrisse a janela. Ele também desconfiava. Sem saber o que pensar, perguntei: “Será que eles teriam coragem de fazer alguma coisa comigo?”

A tensão era geral?

Era. Mas foi aí que César Bastos chegou e disse para mim que haviam mandado me dizer que a Revolução havia triunfado. Isso eu ainda não sabia. Mas já calculava. Isso tudo, inclusive, eu sustento na cara dele se for preciso. [César Bastos ainda era vivo na época em que esta entrevista foi publicada pela primeira vez.] Agradei, contudo, a

atitude de César Bastos. Fui dormir e, no dia seguinte, seguimos para Goiás. Já perto da cidade, umas três léguas antes, veio um carro trazendo o recado para o Zaqueu Crispim de que a Revolução realmente havia triunfado. Foi aí, então, que notei a palidez do César Bastos.

A situação se invertia?

É. Mas eu não me aproveitei daquilo e até convidei o César, o Zaqueu e a escolta para chegarem comigo até Goiás, “pois eu não sou e nunca fui da marca de seus patrões”, disse a eles, garantindo-lhes que não aconteceria nada a ninguém.

E eles toparam?

O César não quis ir. O Zaqueu foi comigo. Só fomos eu e ele, aliás. O resto ficou para trás, com medo de entrar na velha capital. Lá, contudo, não havia nada a ser temido. Não havia força nenhuma. A cidade estava calma.

Calma e vazia?

Calma e vazia. O governador já havia fugido. Totó Caiado, Brasil Caiado e toda essa gente já havia desaparecido. Logicamente que eu não iria me incomodar com aquilo, com a minha prisão, pois o Zaqueu tinha sido correto comigo. Fomos os dois, inclusive, à casa do vice-governador. Ele se aproximou e disse para o Zaqueu Crispim levar-me para a casa da minha mãe. E foi assim que aconteceu.

E depois disso, quantos anos no poder?

Foram 18 anos e meio mandando no Estado. Isso como governador e como interventor. Como senador foram mais alguns anos.

E até hoje interferindo na política de Goiás.

Não. Eu não tenho interferido na política do Estado. Hoje, eu prefiro acompanhar a política nacional. É ela que resolve a política daqui. [Pedro Ludovico estava se referindo ao controle dos militares na política nacional.]

Mas não foi sempre assim?

Na época dos Caiados, quando eles eram fortes e violentos, pelo menos isso não havia, esse negócio de ter de tomar bênção, de saber quem seria o governador, o deputado. O que havia era uma oligarquia onde todos os políticos eram Caiados: senadores, deputados federais, estaduais, governadores. Eles queriam assim e era assim.

Hoje, não. Hoje é preciso ir pedir bênção, acatar ordens. Eu nunca fiquei sabendo de algum Caiado que tenha ido pedir ao Washington Luís [presidente deposto em 1930] para ele dizer quem seria o próximo governador do Estado ou coisas assim. Na realidade, todo mundo em Goiás é que ia pedir bênção aos Caiados.

Em todo este tempo em que o senhor esteve à frente do poder, como governador e senador, alguma vez o senhor foi obrigado a fazer uso da violência?

Absolutamente. Nunca um Caiado foi preso durante o meu governo. Eu já estive preso durante quatro dias e quatro noites. E saí graça a um habeas-corpus.

Rigorosamente, pode-se dizer que o senhor derrotou uma oligarquia, a dos Caiados, e estabeleceu outra, a dos Ludovico?

Isso é até ridículo. Nos tempos dos Caiado, o Totó era senador, o Brasil era governador, o Plínio de Castro era deputado federal, o Joviano de Castro era deputado federal... Era uma família no poder. Comigo isso nunca ocorreu. Por exemplo: só agora um filho meu está se candidatando a deputado federal. [Ele estava se referindo a Paulo Borges Teixeira.] O Mauro Borges foi governador do Estado e o povo gostou disso. No início eu não queria que ele se apresentasse como candidato. Depois acabei concordando. Resultou no que resultou: ele fez um ótimo governo, muito bem planejado. O melhor que o Estado já teve. Aliás, não houve nenhum governo igual ao do Mauro em todo o Brasil.

Mas o senhor estabeleceu um controle total do Estado, quando estava no poder.

Eu era justo e consegui manter o controle.

Através do autoritarismo?

Nunca fui autoritário. Nunca mandei matar ninguém. Ou até mesmo prender um dos Caiados. Agora, eu fazia questão absoluta de ser respeitado. Mas sempre usei o poder com justiça.

Alguma ameaça de morte?

Um dia, no Palácio, recebi uma carta anônima me ameaçando de morte se eu não desistisse da mudança da capital. A carta dizia que lamentava muito ter de me matar, porque eu era bom filho, bom para a minha mãe, coisas assim. E outras.

Outro dia o Francisco de Britto escreveu um artigo para o *Jornal Opção*, onde dizia que houve uma época em que o senhor se inclinou para o socialismo.

É verdade. Eu sempre fui socialista e sou até hoje. Sou um homem de temperamento brando, mas não tenho medo de nada. Não sou comunista, pois aí é diferente.

Diferente?

A diferença fundamental é que o Brasil ainda não tolera o socialismo de esquerda, que é o comunismo. Que eu também acho que seria ruim para nós. Aliás, eu já disse isto num discurso, em Anápolis, no dia em que se prestava uma homenagem ao deputado Anapolino de Faria. Havia lá mais de cem pessoas e a minha afirmação foi esta: “Eu sou socialista. Não sou um comunista, porque no Brasil o comunismo seria um mal e não um bem e o povo também é muito atrasado.” Vocês vejam o caso da Rússia, por exemplo: para manter o comunismo, foi preciso muito tempo e, mesmo assim, lá está acontecendo tudo ao contrário da doutrina de Marx. Eles pensavam uma coisa e aconteceu outra totalmente contrária: o que há lá, hoje, é uma ditadura de Estado, da burocracia.

Esta fundamentação socialista, que o senhor admite, vem desde a juventude?

Sim, eu sou socialista moderado desde jovem. [Naquele instante a entrevista foi interrompida, tendo em vista o cansaço demonstrado por Pedro Ludovico, depois de mais de duas horas de entrevista. Pediu, então, para prosseguir depois, num outro dia, um dia que jamais aconteceu. Pedro Ludovico não conseguiu mais concentrar forças para enfrentar uma segunda bateria de perguntas. Esta entrevista foi a última concedida por Pedro Ludovico.]

Alguns nomes citados por Pedro Ludovico

Jarbas Caiado de Castro – Chefe do anticaiaidismo em 1927. Juiz e político estadual. Começou a carreira como caiadista, mas depois ficou contra por interesses pessoais contrariados.

Cel. Martins Borges – Membro da família Borges. De Uberaba, desfrutava de muita projeção política. Sogro de Ludovico.

César Bastos – Político do Partido Democrata, do senador Antônio Ramos Caiado. Membro da família Bastos, de Vila Boa, embora sempre militando na política do Sudoeste. Sobreviveu à Revolução de 30, ingressando posteriormente na UDN.

Zaqueu Crispim – Político municipal de Anápolis. Caiadista.

Mário Caiado – Mesma situação de Jarbas Caiado de Castro. Também era juiz e político estadual. 